

**OPINIÃO**

# Quem vai tocar para nós agora?


**JAIME PINSKY**  
 Historiador e editor  
 www.jaimepinsky.com.br

Notícia pode passar despercebida, mas não deve. As vendas de CDs caíram 19% nos Estados Unidos em 2007. A EMI, uma das grandes gravadoras do planeta, vai demitir 2 mil funcionários. Artistas, há poucos anos responsáveis por vendagens fenomenais, hoje recebem valores irrisórios de direitos autorais. No Brasil, cantores antes responsáveis pela colocação de centenas de milhares de álbuns agora ficam felizes se alcançam números 10 ou 20 vezes mais modestos.

A música clássica, então, que chegou a representar 20% dos discos vendidos no mundo, não vende mais quase nada. A Tower Records, em Nova York, onde os aficionados do mundo todo se reuniam para comprar "aquele" concerto, com "aquela" orquestra, "naquela gravação histórica que acabava de ser remasterizada", simplesmente fechou as portas. Famosas lojas de vendas pelos correios, situadas no interior da Inglaterra, mudaram de ramo.

A indústria de CDs de música parece estar no fim. Dizem os entendidos que vem sendo comida pelas bordas por dois fenômenos, ambos ligados ao mundo digital: o primeiro tem a ver com a pirataria, pura e simples. Aqui mesmo em Brasília, em qualquer canto, encontram-se vendedores de CDs piratas, copiados com mais ou menos cuidados e vendidos por valor infinitamente menor do que o original. Segundo um taxista de São Paulo, seu ponto vem sendo visitado, semanalmente, por um vendedor cuja tabela de preços para CDs é de 3 por R\$ 5 (o DVD é um pouquinho mais caro, 3 por R\$ 10). Ele tem um vasto catálogo para pronta entrega e aceita encomendas. A indústria fonográfica não tem como concorrer com esse tipo de comércio, mesmo porque ela é que arca com as despesas de produção.

Mas as gravadoras vêm sendo acuadas, por outro lado, pelo fenômeno Ipod/MP3. Ir à Internet, encontrar a música que se quer e copiá-la é exercício relativamente fácil e até prazeroso para quem gosta de brincar com o computador. Claro que se pode comprar música na Amazon ou na própria loja virtual da Apple, mas o número de pessoas que baixam e fazem cópias clandestinas é muito maior. Sempre se pode alegar que as gravadoras são multinacionais poderosas, braços de polvos capitalistas exploradores, etc. e merecem quebrar. Longe de mim defendê-las. Minha preocupação é outra: sem remuneração para o investimento, será que gravadoras vão querer continuar produzindo CDs? E sem remuneração pelo trabalho, será que músicos e cantores continuarão a gravar? E se ninguém mais gravar, que CDs os piratas vão copiar e vender? E quem vai tocar para nós?

Claro, pode-se alegar que músicos deveriam buscar outras fontes de renda, como



shows, para sobreviver. Isso pode ser verdadeiro para alguns, mas não para outros. Se João Gilberto, supostamente mais importante para a história da música brasileira do que, por exemplo, Ivete Sangalo (para ficar na Bahia), dependesse dos raros shows que perpetra, mesmo com toda sua simpatia e carisma, acabaria morrendo de fome. E, na área da música clássica, ocorre-me a bela orquestra de Saint Martin on the Fields, de Londres, composta por notável grupo de professores que não gostam de viajar, razão pela qual gravam (ou gravavam) muito. Devem fazer o quê? Tocar violino no metrô em troca de algumas moedas?

Mas gravar agora é fácil, diria alguém, dá para fazer isso na garagem de casa. Sem dúvida, registrar ruídos produzidos sem harmonização, ornados por letras paupérrimas e óbvias pode ser uma opção se tivermos claro que abandonamos qualquer pretensão de qualidade, qualquer que seja o critério estabelecido. O que interessa a qualidade, diria o pragmático, se o sucesso é efêmero, dura pouco mesmo e amanhã aparecerão

outros sucessos enquanto os de hoje serão totalmente esquecidos?

Ora, esse argumento clarifica bem a mudança de concepção do que possa ser pensado como arte: a morte de uma orquestra inglesa de qualidade, o fim de uma elaboração lenta e bem feita de música não contam diante da nova realidade do mercado. E o mercado quer sempre algo novo, mesmo que seja ruim, já que é descartável. Num planeta apressado, em que as pessoas consomem tudo mal e rapidamente, sejam alimentos, produtos eletrônicos (com obsolescência programada), relações pessoais (namoros de um dia, casamentos de três meses "porque enjoou"), as palavras arte e qualidade quase perderam o sentido. A crise da produção da música de qualidade é, ao que parece, aspecto de outra muito mais ampla.

Os vilões da história, além dos piratas e seus clientes, não são, portanto, a informática e a digitalização. Trata-se apenas de técnicas que se mostraram adequadas para um mundo em profunda crise de valores. Mas isso já é outro assunto, que fica para o mês que vem.

## A sorte da floresta

**MARISTELA BERNARDO**  
 Jornalista e socióloga

Amata está indo embora. Mudam o ritmo, os imprevistos, os governos, mas o fato é que, quando se louvam quedas nos números do desmatamento na Amazônia, ganha pouco destaque o outro lado da história: a sangria contínua de enormes extensões de floresta. Pode-se argumentar que não se trata de comemoração, mas de satisfação pelo mal menor e por uma suposta sinalização de que, algum dia, se terá um desmatamento zero. O complicador é que, depois de cinco anos do anúncio de mudança estrutural no trato do problema, a explosão de desmatamento no segundo semestre de 2007 mostrou, mais uma vez, a persistência do império das circunstâncias e conjunturas a traçar o destino da floresta. Impossível não ter a sensação de rotina.

Na raiz dessa situação está algo fora do alcance dos esforços do Ministério do Meio Ambiente para lutar contra o desmatamento. Políticas ambientais realmente estruturais não estão ao alcance da área ambiental. Seus principais operadores no governo devem ser os ministérios e agências voltados para o fomento à produção. É aí que a política ambiental passa a ser consistente ou se revela semificação tangida pelos acasos do mercado. E, em última análise, mudança estrutural só ocorrerá se a política ambiental fizer parte essencial de um núcleo claro e forte de projeto de desenvolvimento em que a sustentabilidade socioambiental ganhe conceito, cara, vontade, tarefas, critérios, prazos, espaços permanentes de articulações e responsabilização

cotidiana. E não só discurso. É preciso que a cabeça do governo, não o Ministério do Meio Ambiente, seja a fonte da coerência e da fusão entre proteção ambiental e desenvolvimento social e econômico.

Isso não existe neste governo e não existia nos anteriores. A agenda é o que se poderia chamar de MCP – mínimo compromisso possível, de olho nas repercussões internacionais e na bolsa de valores político-eleitoral. Para encarar o enorme desafio de criar uma lógica integrada de desenvolvimento sustentável, seria preciso a coragem, o desprendimento e a força de um grande estadista, que ainda não temos. Teremos um dia? Difícil dizer quando se vê que os únicos projetos existentes são projetos de poder.

Essa dinâmica perversa se coloca no caminho do papel que o MMA tenta desempenhar. Mesmo que tenha buscado ações transversais para a Amazônia e que elas tenham sido proclamadas como de governo, a presença de ministérios e agências governamentais em reuniões ou mesmo a assinatura de protocolos não garantem nada. Na hora do vamos ver, à falta de algo superior que realmente dê liga, cada um parte para os próprios interesses, as próprias estatísticas, a própria concepção de produtividade, eficiência e desenvolvimento.

O preço das commodities teve seu peso nos bons e nos maus resultados do desmatamento. O ciclo virtuoso, como gostam de dizer as autoridades, se equilibrava na corda bamba, conforme avisou há meses a organização não-governamental Imazon. O governo fez cara de paisagem até o limite. Quando resolveu abrir o jogo, no dia 23, o anúncio da aceleração do desmatamento foi feito no MMA, com a presença do

representante do Inpe. E se a notícia fosse muito positiva, o palco seria o Palácio do Planalto?

No dia seguinte, o presidente Lula, com ar de magistrado, arbitrou o notório estresse entre o meio ambiente e a agricultura. "Não é hora de acusar ninguém", disse. E quando será? Não de distribuir culpas, o que soa um pouco psicanalítico, mas de apontar responsabilidades, sim. Há cinco anos, fala-se em mudança estrutural na forma de lidar com o desmatamento; por que só agora se aponta o papel dos bancos oficiais, que municiam a derrubada da floresta com generosos financiamentos sem o devido rigor na contrapartida ambiental? Por que não se subsidiou fortemente o uso das áreas já degradadas?

O anúncio das medidas foi feito também pelo representante do MMA. Não seria mais apropriado que o fosse pela ministra Dilma Rousseff, por exemplo? Ou a mensagem subreptícia é a de que, na hora de a onça beber água, é bom manter certa distância?

A Polícia Federal enviará mais 800 homens à região. Ótimo. E ficarão até quando? A suspensão do corte quem vai fiscalizar de maneira permanente? As unidades de conservação serão criadas só no papel, ou haverá orçamento e gente para implementá-las de imediato para que não aconteça o mesmo que no Pará, onde UCs tão recentemente criadas já foram invadidas para retirada de madeira?

E, afinal, haverá um dia políticas de desenvolvimento que incorporem no seu cerne a não derrubada da floresta? Só o pacote comando-e-controle, por mais rigorosa que venha a ser a sua aplicação – e a experiência manda desconfiar – não é a solução duradoura. Que a floresta, nós e o planeta tenhamos sorte para esperar e saúde para brigar por ela.


**ARI CUNHA**  
 visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br  
 com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

## Entre o gênero, a cor da pele e a memória

Só em novembro os eleitores americanos irão às urnas para escolher o presidente. A disputa começou em janeiro com as prévias eleitorais. O novo chefe de Estado assumirá em 2009. A escolha do candidato dos democratas será pelo gênero ou cor da pele. A superexposição leva a votos. Programas de governo já traçados dão segurança ao eleitorado. Atitudes anteriores estão dentro das análises. Investigações ao passado, opiniões de pessoas próximas, busca de parentes em dificuldades, vale tudo. A diferença das eleições no Brasil é que qualquer matéria publicada tem que ser verdadeira ou custará caro nos tribunais.

As eleições americanas passam 10 meses no forno. Todas as votações são acompanhadas pelos colégios eleitorais. O escrutínio é detalhado. A simpatia por Obama e Hilary varia muito. Com alguns grupos, a admiração é total. Com outros, o comentário é que os eleitores querem um presidente que lembre as pessoas com quem elas trabalham, não as pessoas que têm poder para demiti-los. Sabemos aqui no Brasil que a observação não é de todo segura. Quem ganhar terá muito trabalho pela frente. Restabelecer a imagem da liderança americana, decidir sobre o Iraque, criar soluções para o desemprego e impedir a inflação. De tudo fica a beleza de apreciar uma cultura diferente. A estratégia das eleições americanas adotada no Brasil seria, no mínimo, solução para o eleitor lembrar em quem votou.

### A FRASE QUE NÃO FOI PRONUNCIADA

#### “Onde falta punição faltam ordem e progresso.”

*Hu Jintao, presidente da China, pensando no crescimento do país.*

### Público

Sobre os saques em dinheiro com os cartões corporativos, resta uma dúvida. O que impede bloquear o cartão para saques? Há um erro de interpretação por parte de algumas autoridades. Dinheiro público não quer dizer dinheiro sem dono. Sobre o assunto, o senador Heráclito Fortes vai buscar respostas.

### Santo

No formato da primeira reunião ministerial de 2008, o presidente Lula disse que parecia a Santa Ceia. Um repórter bem-humorado comentou que estava mais para o Santo Lanche. Nada do tradicional almoço. Um sanduíche de presunto, queijo e alface dava sinais de corte no orçamento.

### Coincidência

Quando Dilma Rousseff cobrou o bambolê de Henrique Alves, ele não titubeou. Mandou entregar o brinquedo para a ministra adquirir mais jogo de cintura. Entre as nomeações para o Ministério de Minas e Energia e as estratégias para lançar Dilma à Presidência da República, morreu, aos 82 anos, Richard Knerr, criador do bambolê.

### Briga

Foi baseado no artigo 5º da Constituição que o juiz Gustavo Dias de Barcellos proibiu o sistema de cotas na Universidade Federal de Santa Catarina. Nem crític

r i o s étnicos tampouco socioeconômicos devem ser quesitos para o ingresso ao nível superior em universidades públicas. Todos deveriam ser iguais perante a lei.

### Contraste

Em situação de paz, o Brasil é inigualável. As festas populares, o folclore, a alegria do povo, a beleza natural. Em guerra, como nas favelas do Rio, nas ruas do Pará ou contra o tráfico, nem o Exército, a Abin ou os governos conseguem resolver. Acabar com o ilícito é difícil por aqui.

### Favores

Na semana passada, um policial foi fotografado colocando um engradado de cerveja no carro oficial. A bebida estava em um caminhão apreendido. Acontece que a Polícia Militar do país deveria receber salário suficiente para não precisar entrar numa padaria, restaurante ou supermercado e sair sem pagar. Isso também é um absurdo.

### Consumo dor

Como se não bastassem os aborrecimentos dos consumidores, agora mais essa. Observe se o prefixo do número para reclamações passou de 0800 para 4004. Em caso positivo, você está pagando para reclamar, sugerir ou criticar. Em cada 80 mil ligações que eram gratuitas, as empresas têm faturado até R\$ 5 milhões pela cobrança da chamada.

### HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Debandada geral da Cidade Livre: Marcelo do Val, já no Plano Piloto; Cláudio Stockler, a partir de amanhã, estará na W3; a Volkswagen inaugurará sua loja dia 20 de janeiro; Galo Vermelho, ultimando os preparativos de mudança para o eixo de acesso 3; Lojas Riachuelo, já instaladas próximo ao mercado; a Loja Lido preparando-se para liquidação. **(Publicado em 21/12/1960)**